



Práticas de oralidade:

propostas para as salas de
aula de Timor-Leste

Joice Eloí Guimarães
Cleusa Todescatto
Keu Apoema



Casa Apoema

Práticas de oralidade:

propostas para as salas de
aula de Timor-Leste



Joice Eloi Guimarães
Cleusa Todescatto
Keu Apoema

Práticas de oralidade: propostas para as salas de aula de Timor-Leste

Livro produzido por meio da parceria entre o Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa no Timor-Leste (PQLP/CAPES) e o Departamento de Formação de Professores do Ensino Básico da Faculdade de Educação, Artes e Humanidades da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (FEAH/UNTLL).

Autoria: Joice Eloi Guimarães, Cleusa Todescatto e Keu Apoema

Colaboração: Lourenço Marques da Silva

Arte & diagramação: Keu Apoema

ISBN: 978-85-69957-06-5

Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa no Timor-Leste

Página: <http://www.pqlp.pro.br>

Edição: Casa Apoema

E-mail: casa@apoema.art.br

Página: <http://www.apoema.art.br>

Dili, abril de 2016



Práticas de oralidade:

propostas para as salas de aula de Timor-Leste

PQLP/CAPES
& CASA APOEMA

Dedicamos este livro às professoras e
aos professores timorenses que enfrentam,
cotidianamente, o desafio de ensinar a língua
portuguesa em Timor-Leste.





Agradecimentos

A elaboração deste livro contou com a colaboração e a confiança de muitos/as parceiros/as. Todos/as, de diferentes maneiras, contribuíram para a realização deste projeto. Por isso, gostaríamos de expressar aqui nossos agradecimentos àqueles/as que foram essenciais para a concretização deste trabalho.

Agradecemos ao Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa no Timor-Leste (PQLP/CAPES), por possibilitar nossas pesquisas em Timor, incentivando a produção de materiais educativos e por financiar esse projeto.

Consideramos essencial agradecer ao Departamento de Formação de Professores do Ensino Básico da Faculdade de Educação, Artes e Humanidades da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (FEAH/UNTL) que, na pessoa do Mestre em Linguística professor Lourenço Marques da Silva, confiou em um trabalho pensado e elaborado para contribuir com o processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa nos ambientes escolares de Timor-Leste.

Em especial, agradecemos, carinhosamente, aos/às alunos/as da Classe de Extensão do Departamento de Formação de Professores da UNTL. Além da inspiração e motivação para a realização deste livro, as interlocuções com esses sujeitos foram fundamentais para a elaboração das atividades de acordo com a realidade das salas de aula de Timor-Leste.

Por fim, estendemos nosso agradecimento ao povo timorense, pelo exemplo de sabedoria que demonstram ao valorizar a educação nesse país.



Índice

Primeiras palavras	11
A tradição oral	13
Gêneros orais na escola	19
Narrativas	23
Gênero narrativas de vida	27
Gênero contos de tradição oral	41
Argumentação	55
Gênero debate	59
Gênero anúncio publicitário	69
Só mais algumas palavras	79
Referências	81





Primeiras palavras

Caro/a professor/a,

Este livro é resultado da parceria entre o Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa no Timor-Leste (PQLP/CAPES) e o Departamento de Formação de Professores do Ensino Básico da Faculdade de Educação, Artes e Humanidades da Universidade Nacional Timor-Leste (FEAH/UNTL).

Temos como objetivo contribuir com sua prática didática com a língua portuguesa com foco, em especial, no desenvolvimento da oralidade, ou seja, daquele aspecto do idioma que se materializa pela fala, fortalecendo assim o processo de ensino-aprendizagem dessa língua em Timor-Leste. Propomos o trabalho com a língua portuguesa não apenas centrado nos aspectos estruturais, mas como possibilidade de ampliar o conhecimento e a reflexão dos/as estudantes sobre aspectos próprios da cultura e da realidade de Timor.

Discutimos, para tanto, a tradição oral, a

importância do trabalho com a oralidade na escola e apresentamos sugestões de atividades voltadas para a produção de textos orais divididas em dois eixos temáticos: narração e argumentação. As atividades estão organizadas em 5 Etapas. A realização de cada etapa pode levar de 1 a 3 aulas a depender do desenvolvimento e acompanhamento dos/as alunos/as. Cabe a você professor/a adequar o planejamento aqui proposto à realidade da sua turma.

Nossas propostas metodológicas para a produção de textos orais têm como base a perspectiva dos gêneros discursivos e destinam-se, inicialmente, às turmas do primeiro e segundo ciclos do ensino básico, o que não impede, porém, que sejam adaptadas e usadas em outros momentos da educação escolar.

Os gêneros discursivos são formas relativamente estáveis de enunciados caracterizados pelas funções que assumem nas relações sociais, tais como contar uma história, debater um tema, vender um produto, preservar a memória de um determinado grupo, entre tantas outras possibilidades. Em cada eixo temático, trabalhamos com dois diferentes gêneros. No caso da narração, traremos a narrativa de vida e os contos de tradição oral. Para tratar da argumentação, propomos o trabalho com o debate e o anúncio publicitário.

Esperamos que, com o auxílio deste livro, você possa ampliar seus conhecimentos e ter novas ideias para desenvolver as capacidades de narrar e argumentar dos seus alunos do primeiro e segundo ciclos, bem como de se expressar oralmente nas mais diversas situações.

Desejamos a você e aos/as seus/suas alunos/as um excelente trabalho!



A tradição oral

Desde sempre, o ser humano produz e transmite conhecimentos. A cada passo sobre a Terra, desde os tempos mais antigos, homens e mulheres observam o sol, a lua, a mudança das estações, o crescimento das plantas, o nascer de crianças e o morrer dos/as velhos/as. Homens e mulheres surpreendem-se com os elementos da natureza, as chuvas fortes, os relâmpagos e, diante de um mundo repleto de recursos, mas também de ameaças, procuram explicações para dar sentido ao que veem.

Todos os povos, em todos os cantos do mundo, cada qual a seu modo, têm construído, desde o princípio dos tempos, um acervo de conhecimentos a partir da observação e da experimentação pelos sentidos, sempre acrescidos de boas doses de intuição e imaginação. Mas, como armazenar tais conhecimentos? Como garantir que eles passem de geração a geração, instruindo os/as mais jovens nos saberes necessários para estar no mundo? Saberes necessários para plantar, para colher, para cuidar das doenças, para entender a história da comunidade, para



lidar com as mais diferentes situações no contexto das famílias, dos clãs, das aldeias?

Antes de qualquer possibilidade de registro por escrito, sabemos que os grandes instrumentos utilizados para guardar e transmitir esses saberes foram, por muitos séculos, e ainda o são para várias comunidades ao redor do mundo, a memória e a voz. A memória é a capacidade de guardar pelo pensamento todo tipo de informação, todo tipo de conhecimento, quer seja uma imagem, uma canção, um poema ou a genealogia de uma família. Todas as vezes que alguém partilha parte de seu saber a partir da memória, ou seja, daquilo que armazena no pensamento, seja narrando ou cantando, isso ocorre pela voz, pela palavra pronunciada.

Partes importantes desses saberes eram (e ainda são) guardadas em forma de narrativas, canções, provérbios, adivinhas, poemas, orações, entre tantas outras possibilidades. Certa vez, um contador de histórias africano chamado François Moise Bamba fez o seguinte comentário: “Um dia, alguém vai ao campo e é picado por uma cobra. Se ele morre, à noite nós organizaremos um momento do conto, porque se ele estiver morto, nós sabemos onde há um novo rastro de cobra e é preciso achar o antídoto para seu veneno. Então, vamos criar um conto que cite as diferentes plantas que podem curar mordidas de cobra.” Esse é um exemplo para mostrar a forma educativa do conto.

Essa forma de conhecimento pode ser chamada de tradição oral. Tradição porque é transmitida de geração a geração, dos mais velhos aos mais novos. Oral porque a sua forma de transmissão é pela boca, pela voz. A tradição oral é composta pelos mais diversos tipos de gêneros – poemas, canções, adivinhas, provérbios, genealogias, histórias, entre

outros – que são essencialmente transmitidos pela fala, pela voz, são ditos oralmente.

O que garante a continuidade da tradição oral é que sempre há alguém contando e sempre há alguém ouvindo. Ou seja, é um tipo de conhecimento que precisa de um outro alguém para que seja acessado e preservado. Se os/as mais jovens perdem o interesse em escutar as canções, as histórias, as poesias, como por vezes acontece nos dias de hoje diante da internet e da televisão, corre-se o risco de se perder muitos desses textos que, se deixam de ser contados ou cantados, deixam de ser lembrados.

A tradição oral é todo conhecimento armazenado pela memória e transmitido pela voz. Normalmente, as pessoas mais velhas são aquelas que guardam os saberes das tradições orais. Porque viveram mais, porque são mais experientes, porque muito escutaram, sua memória é mais desenvolvida e guarda sempre um acervo imenso de informações sobre seu povo e sua cultura. Amadou Hampatê Bá, tradicionalista africano, disse certa vez que cada vez que um velho ou uma velha morre é uma biblioteca que desaparece da face da terra.

Os saberes guardados e mantidos pela tradição oral são antigos, ancestrais, construídos e transmitidos ao longo de gerações, guardando muitas informações e textos que ainda não foram estudados pelas ciências ou pela literatura, que não estão nem mesmo registrados pela escrita. Por isso, é extremamente importante estimular os/as mais jovens a não perderem contato com suas raízes, com a escuta dos mais velhos, seus avôs e suas avós, tios e tias, os sábios e sábias de seus sukus, aldeias e famílias.



A Tradição oral em Timor-Leste

Muito tempo antes dos portugueses chegarem a Timor-Leste, já viviam no país vários povos, cada qual com suas características linguísticas e culturais, cada qual com seu acervo particular de saberes guardado pela tradição oral, entre os quais lendas, genealogias, histórias de reis, histórias sobre a origem de lugares sagrados, de aldeias e de famílias.

Ainda nos dias de hoje, muitas das línguas maternas de Timor são ágrafas, ou seja, não possuem uma escrita sistematizada. Isso significa que, certamente, uma parte significativa (e não mensurável) do conhecimento construído e guardado pelos mais diversos grupos timorenses preserva-se graças à memória dos/das mais velhos/as e à tradição oral. Diante disso, podemos dizer que Timor-Leste é um país fortemente enraizado em suas tradições orais, já que, como disse François Moise Bamba a respeito das sociedades de tradições orais, o essencial de sua cultura e de suas crenças se transmite pela oralidade. É a oralidade que guarda, até os dias de hoje, os mitos e lendas que explicam a origem de comunidades, os rituais e as orações ligadas as mais diversas casas sagradas, às canções, aos poemas também chamados de dadolin, às histórias das famílias e, inclusive, muitas informações históricas a respeito de momentos importantes do país, como a resistência e a retomada da independência.

As histórias são chamadas em tétum de *Ai-knanoik*, palavra que é formada por duas outras: *ai* que significa árvore e *knanoik* que deriva de *hanoin* que pode ser pensar, recordar. Conta Artur Basílio de Sá, um estudioso do tétum, que essa expressão surgiu, possivelmente, nos movimentos dos timorenses,

indo e vindo pelo território quer fosse para ir a um casamento, a um funeral ou mesmo para se refugiar nas montanhas. Nesse ir e vir, normalmente através de longas caminhadas, não eram raros encontros e paradas embaixo de árvores, momentos esses de partilha, momentos de trocar histórias e impressões, momentos de recordar e de contar.

Essa partilha de histórias, esse fluxo contínuo de narrativas e trocas de experiências pela palavra oral é algo que ainda é muito presente na vida dos timorenses nos dias de hoje. Por isso, qualquer proposta de educação em Timor-Leste precisa, de algum modo, fazer contato, pesquisar e vincular-se à sua tradição oral, de modo a permitir que seus alunos reconheçam e valorizem tal fonte de saberes.





Na minha família, eu conheço a história da vida deles porque eles contam... contam que experiência eles realmente tiveram. Quando eu ouvia me ajudava a compreender melhor a vida deles.

Ir. Agrifina Mendonça

* * *

Em relação às pessoas mais velhas da minha família, a história que eu conheço sobre a vida delas é sobre a situação da guerra e sofrimento de fome, também as suas valentias como guerrilheiros na luta contra o colonialismo. No fim vencemos e ganhamos a nossa independência como nação.

Ir. Felicidade Sequeira Amaral



Gêneros orais na escola

A oralidade, assim como a escrita, está presente em nossa vida cotidiana, bem como nos conteúdos recomendados aos processos de ensino-aprendizagem realizados nos ambientes escolares. Contudo, muitas vezes nós professores/as temos uma preocupação maior com o ensino e com a prática da produção de textos escritos e deixamos de utilizar recursos metodológicos para ensinar e praticar a oralidade. O que vemos na escola, geralmente, é a expressão oral – aquilo que é pronunciado – sendo trabalhada a partir do texto escrito (leitura em voz alta, recital de poemas, etc.). Nesse caso, acabam por serem deixadas de lado as atividades com textos orais propriamente ditos, ou seja, aqueles que não necessitam da escrita para existirem, a exemplo do debate, da anedota, da história de vida, da emissão de opiniões, etc.

Essa atitude é resultado, dentre outros fatores, de tradicionalmente haver, na escola, uma preponderância da escrita em relação à oralidade. A escrita é tida como uma atividade planejada, sistematizada, enquanto que a oralidade é considerada

espontânea e improvisada. Porém, a oralidade também precisa se estruturar em um certo acervo de experiências e saberes, caso contrário, não se realiza o projeto comunicativo.

Os textos propriamente orais se caracterizam por terem seus conteúdos armazenados não pelo texto escrito, mas pela memória. Ao mesmo tempo, tais conteúdos são re(construídos) no momento presente a partir da relação com o outro, por isso também têm como marca o improviso, a pausa, a retomada recorrente de temas. Sendo assim, os elementos que guiam nossa fala também são importantes quando temos consciência que as diferentes formas de se expressar oralmente precisam ser trabalhadas na escola, ou seja, narrar uma história, fazer a defesa de um ponto de vista, descrever lugares, pessoas ou objetos, por exemplo, também são ações que necessitam de instrução.

Ao tratarmos a oralidade de forma sistemática, contribuimos para desenvolver a capacidade de comunicação do/a estudante e o/a preparamos para o uso da língua em diferentes situações, formando, assim, alguém capaz de utilizar as diversas possibilidades que a língua lhe permite, não apenas quando precisar escrever um documento, mas também quando precisar contar um fato, defender um ponto de vista ou vender um produto. Pensar na situação de comunicação, nos/as interlocutores envolvidos/as e no que se deseja expressar, ou seja, na língua em uso quando se quer falar, significa produzir textos orais na perspectiva dos gêneros do discurso.

De acordo com o filósofo russo Mikhail Bakhtin, que foi um estudioso das questões relacionadas à linguagem, a adaptação que fazemos da língua – quando conversamos com nossa família em casa ou se

temos que nos dirigir ao reitor da universidade, por exemplo – ocorre justamente por conta das diferentes situações de comunicação de que participamos a todo tempo e das pessoas envolvidas nessas situações. Esses elementos, que não estão ‘dentro’ da linguagem, mas são parte importante dela, Bakhtin denomina de gêneros do discurso.

Os gêneros, portanto, são produzidos nas relações sociais de que participamos, daí sua relativa estabilidade. Em cada gênero estão presentes tipologias textuais cujas características são intrínsecas e invariáveis. De maneira predeterminada, as tipologias textuais apresentam uma sequência definida pela natureza linguística de sua composição – narração, argumentação, descrição, etc. – e nos auxiliam a alcançar um projeto comunicativo. Por exemplo: em uma conversa com um amigo que não vimos há muito tempo é provável que contemos coisas, ou seja, narremos fatos desconhecidos para ele. Ao mesmo tempo, podemos descrever lugares ou situações que vivenciamos. Ou ainda, podemos argumentar para convencê-lo de algo.

Durante muito tempo, a prática de produção de textos orais e escritos na escola foi orientada pelas tipologias textuais. Porém, a partir de Bakhtin e outros estudiosos, vemos que nossa comunicação, oral e escrita, se dá por meio dos gêneros discursivos. Quando temos como objetivo desenvolver a competência comunicativa em nossos/as estudantes podemos fazê-lo de maneira ligada à situação real de comunicação, partindo, para tanto, dos gêneros do discurso.

Dessa forma o/a aluno/a é levado/a a perceber que os ‘conteúdos’ – que muitas vezes lhe parecem abstratos e distantes da sua realidade – estão

presentes a cada momento em que ele/ela opera com a linguagem, falando ou escrevendo, em diferentes níveis de complexidade. O desenvolvimento desses níveis, preparando o/a estudante para se expressar em diferentes situações de comunicação, compete à escola e a você professor/a, cabe selecionar os gêneros que se adequam às necessidades da sua turma e também a habilidade que deseja desenvolver: narração, argumentação, descrição, instrução, etc. Além disso, a escolha dos gêneros para as atividades educativas precisa ser realizada tendo em vista o contexto de sua produção e vivência, pois os gêneros abarcam também a questão da cultura, a qual está permeada pela linguagem, pelas representações e características peculiares dos povos. Por conta disso, o ensino nessa perspectiva deve considerar que ao trabalho com a linguagem compete também uma inserção no mundo, na sociedade e na sua língua, nas produções que advêm dessa língua, as quais devem ser respeitadas e valorizadas nos ambientes educativos.

Nos próximos capítulos apresentaremos propostas metodológicas para desenvolver as habilidades de narrar e argumentar dos seus alunos/as. Sempre que utilizam da linguagem, os/as alunos/as o fazem por meio dos gêneros. De maneira mais ou menos complexa, eles/elas são capazes de nos contar um fato ou tentar nos convencer de algo. Nossa proposta neste livro é promover na escola o trabalho com a oralidade por meio de situações de comunicação que sejam comuns a eles/elas. Para tanto, o faremos por meio dos seguintes gêneros discursivos: a narrativa de vida, o conto de tradição oral, o debate e o anúncio publicitário.



Narrativas

Neste capítulo vamos conversar a respeito da narrativa. Você já ouviu alguma narrativa? Sim, é claro que sim! A narrativa é uma das expressões mais presentes em nossa vida. Está entre as artes mais antigas que há. É o que faz o movimento cultural, o que mantém viva a história dos povos, a história de cada um de nós, de todos os povos do mundo. Todas as coisas que existem, ainda que na nossa imaginação, se contadas, são narrativas.

Vocês estão curiosos/as?

Que bom! Então vamos lhes explicar:

Narrar é contar fatos. Contar algo que aconteceu em algum momento do passado, ou o que está acontecendo no presente. Pode ser também um fato inventado, algo que criamos com nossa imaginação. Histórias sobre os antepassados, sobre o sol e a lua, reis, rainhas, príncipes e princesas, contos sobre o mar, a floresta, o crocodilo, entre muitos outros fatos, reais e imaginários.

Você pode perguntar se é fácil contar ou, ainda, o que é preciso para contar. Em um conto de fadas, por exemplo, em que existem príncipes e princesas, personagens bons e não bons, é preciso que todos os envolvidos tenham um destino. Essa atividade exige, entre outros fatores, atenção, memória e escuta. Ouvir e contar histórias desenvolve a oralidade, a sensibilidade para ouvir e o falar, o que para os/as alunos/as é muito importante. O ato de contar exige uma concentração muito grande de quem conta. É preciso elaborar o dizer em uma estrutura sequencial, o que na narrativa chamamos de enredo. Durante a educação básica, é essencial desenvolver o conhecimento sobre alguns dos principais elementos da narrativa em sala de aula. Vamos conhecê-los?

O fato – A ação a ser narrada

Sobre o fato é importante que o/a narrador/a consiga responder a pergunta – o que será narrado? É a história de origem de uma determinada aldeia? É sobre um casamento ou sobre como ocorreu a resistência nas montanhas?

Uma história pode ser sobre qualquer coisa, pode ser até mesmo sobre o casamento do sol e da lua.

O lugar – Onde aconteceu/acontece tal fato

Ao falar do lugar o/a narrador/a deverá localizar o/a ouvinte em determinado espaço – onde isso aconteceu? Foi nas montanhas? Na praia? Na cidade de Díli?

O tempo – Quando aconteceu o fato

Para explicar o tempo o/a narrador/a pode dar dicas para o/a ouvinte de quando a ação aconteceu, mais precisamente quando se trata de uma história que aconteceu de verdade. Uma história pode ter acontecido no tempo da ocupação indonésia, em algum ano ou mês específico, no tempo do nascimento de um membro da família, enfim, há muitas possibilidades.

Quando se trata, porém, de histórias muito antigas, principalmente nos contos de tradição oral como as lendas, e não sabe o tempo exato em que o fato aconteceu, é comum os/as contadores/as usarem “era uma vez...” ou “em tempos que já lá vão...”, o que sugere uma data já não mais sabida e guardada pela memória ou, simplesmente, um tempo que só existe na imaginação.

Causas – Por que esse fato aconteceu?

É importante professor/a que você diga aos/às seus/suas alunos/as os fatores que possibilitaram que tal fato fosse contado. A origem da ilha de Timor, por exemplo, o que a causou? Segundo a lenda, tudo aconteceu a partir da amizade entre um crocodilo e um menino. Ao morrer, o crocodilo se tornou terra firme, morada para o menino e sua descendência.

As/os personagens – Quem são os/as envolvidos/as na ação?

As/os personagens são aquelas/es que participam da narrativa. Todos/as os/as personagens devem ter suas ações relacionadas ao fato narrado.



O modo – De que maneira o fato aconteceu

Os fatos devem estar entrelaçados, dando ao/à ouvinte a possibilidade de acompanhar a história sem ter dúvidas dos acontecimentos, mesmo quando é uma história imaginada/fictícia.

A/as consequência/as: o/os resultado/os da ação

Há fatos que se acabam neles mesmos e outros que levam a muitos outros. Por isso narrar não exige, necessariamente, que haja um final feliz ou triste, ou menos ainda que haja um ponto final sem expectativas de novos acontecimentos. Ao narrar um fato o/a narrador/a conta até onde ele/ela ouviu ou viu a história acontecer. No caso das narrativas ficcionais, sempre há a possibilidade de reinventar, criar, ampliar os detalhes, etc.

Pensando nisso, podemos perceber que, às vezes, quando contamos algo, as pessoas perguntam ao final: “E depois, o que aconteceu?” e nós, muitas vezes dizemos: “Depois, eu não sei...”.



Gênero narrativas de vida

A narrativa de vida é um gênero que se caracteriza por ter como temas acontecimentos que marcam a vida de pessoas, famílias ou comunidades. Ou seja, as narrativas de vida tratam sempre do passado. E para que elas servem? Por que elas são importantes? As narrativas de vida conectam as gerações mais novas às mais velhas, contribuem para a constituição de identidade. Elas ainda educam e são exemplares. Escutando-as, os/as ouvintes podem aprender sobre coragem, luta, perseverança, também sobre perdas, dentre tantas outras experiências humanas.

Normalmente, as narrativas de vida são textos curtos que podem se apresentar tanto na modalidade escrita como na modalidade oral. No caso deste livro, trataremos da modalidade oral – das narrativas de vida contadas de boca a ouvido. Nesse caso, para acontecer, a narrativa de vida precisa de alguém que conta e de alguém que escuta. Quem conta pode ser aquele/a que viveu os acontecimentos que narra, mas pode ser também alguém que os escutou. É o contar e o ouvir que sustentam a memória e garantem que essas histórias atravessem gerações.

Etapa 1: Introdução ao gênero

Professor/a, no primeiro momento, o importante é despertar os/as alunos/as para as histórias que já circulam em seu cotidiano. Ao possibilitar que eles/elas reconheçam e se encontrem com tais textos, crie também oportunidades de escuta e de fala, apoiando assim o desenvolvimento da oralidade.

Objetivos:

- Apresentar a narrativa de vida como um gênero discursivo;
- Oferecer aos/às estudantes uma primeira oportunidade para que narrem aspectos importantes de suas vidas;
- Permitir que os/as alunos/as desenvolvam a escuta e a atenção;
- Despertar nos/as estudantes o reconhecimento e o respeito pelas narrativas de vida, partindo de experiências pessoais.

Atividades propostas:

1. Qual a história do meu nome?

Pergunte aos/às seus/suas alunos/as se conhecem a origem de seus nomes. Você pode fazer perguntas como: Quem conhece a história de seu nome? Quem foi que o escolheu? Por que escolheu? Qual o significado de seu nome?



ATENÇÃO

Estimule-os a falar tanto de seus nomes cristãos como de seus nomes de famílias, os nomes gentílicos.

Em uma primeira rodada, é possível que alguns/algumas alunos/as não saibam responder a todas essas perguntas. Por isso, coloque como tarefa para casa que eles/elas perguntem a seus pais ou outros parentes próximos sobre a origem de seus nomes, tanto os nomes cristãos como os nomes timorenses. Repita as perguntas que fez logo no início: Quem escolheu? Por que escolheu? Qual o significado do nome?

ATENÇÃO

Esse não é um trabalho escrito. Explique aos/às alunos/as que se quiserem, podem fazer notas, mas a apresentação deve ser oral.

Essa tarefa irá trazer breves narrativas de vida, marcando um primeiro contato dos/as alunos/as com tais textos, com a pesquisa e, ainda, com o contar e o ouvir de histórias.

2. Roda de nomes

Organize a sala em roda. Se lembrarmos bem, em casa ou embaixo de árvores, quando nos reunimos para partilhar histórias, organizamo-nos em roda. Isso, porque, em uma roda é possível a todos se

Atividades propostas:*1. Árvore genealógica*

A árvore genealógica é uma forma de desenhar os laços familiares, indicando os nomes dos pais, dos irmãos e irmãs, do avô e da avó, dos tios e tias, dos bisavôs/ós.

Primeiro, você, professor/a, deve mostrar aos/às alunos/as uma árvore genealógica, pode ser a sua, explicando que esta é uma forma de reconhecer os nossos ancestrais, veja o nosso exemplo. Em seguida, entregue a cada aluno/a uma folha de papel e peça para que cada qual desenhe a sua árvore genealógica. Se você tiver acesso a cores, pode pedir também aos/às alunos/as que pintem.

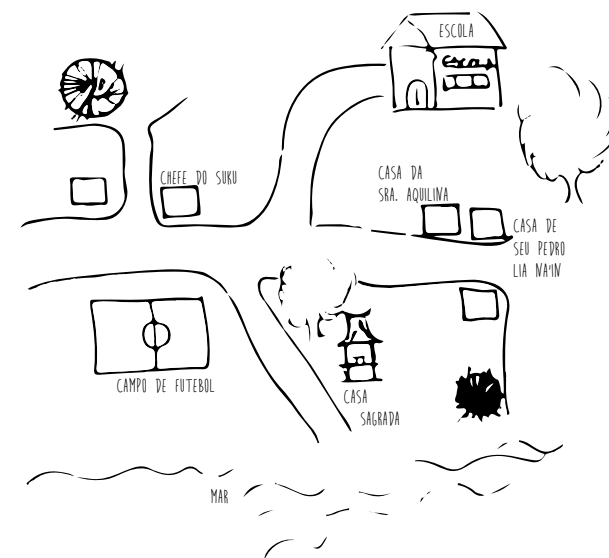
No desenho da árvore genealógica, em cada rama da árvore, peça para o/a estudante informar o nome da pessoa, qual o grau de parentesco com aquela pessoa (avô, pai, irmã, etc.) e algo que saiba sobre ele/ela (pode ser a profissão, pode ser uma característica de



personalidade como ser engraçado ou corajoso, pode ser algo da sua história, se participou da resistência, se morou em outro município ou país), ou seja, qualquer pequena informação sobre essa pessoa e sobre sua história.

Quando eles/elas terminarem, divida a turma em grupos menores (de quatro ou cinco membros) e peça para que partilhem suas árvores genealógicas entre si, apresentando suas famílias, contando um pouco sobre o que sabem da história delas.

Ao final, faça um grande mural, colando as árvores genealógicas em uma das paredes da sala.

2. Mapa da comunidade

Reúna os/as alunos/as em subgrupos (de quatro ou cinco membros) e entregue a cada um deles uma folha grande de papel (pode ser tamanho A3 ou duas folhas A3 coladas, quanto maior, melhor).

Peça a cada grupo para fazer um mapa da

localidade em que vivem. Explique para eles/elas que um mapa é um desenho com a localização das casas, dos lugares importantes como igrejas ou casas sagradas, a escola, a moradia dos/as estudantes. Se possível, peça para usarem cores.

Depois que desenharem os locais, instrua-os/as a identificarem no mapa pessoas de suas comunidades com quem queiram conversar sobre as suas histórias ou sobre as histórias do lugar.

Oriente os grupos para que cada qual apresente seu mapa, explicando sobre os lugares e as pessoas que escolheram e porque escolheram.

Depois que conversarem e se apresentarem, coloque os mapas na parede, para que todos/as possam ver todos os trabalhos.

Etapa 3: Pesquisa de narrativas de vida

Até aqui, os/as estudantes trocaram pequenas narrativas, primeiro sobre seus nomes, sobre suas famílias e comunidades. Nesta terceira etapa, há outra tarefa: buscar narrativas de vida junto a outras pessoas, buscando textos mais longos, exercitando a pesquisa, a escuta e a memória.

Objetivos:

- Estimular e preparar os/as alunos/as para a pesquisa;
- Orientá-los/as para a ida a campo em busca de narrativas;
- Realizar o trabalho de campo, em busca das narrativas orais.

Atividade propostas

Divida o grupo em subgrupos (de quatro a seis membros). Você pode usar os mesmos grupos que trabalharam com os mapas das comunidades.

Cada grupo deverá realizar uma pesquisa de narrativas de vida junto às pessoas de suas famílias e comunidades, podem ser as mesmas pessoas já identificadas no mapa das comunidades. Explique aos grupos as etapas da pesquisa:

1. Escolher uma pessoa para entrevistar.
2. Preparar algumas perguntas para a pessoa a ser entrevistada. Exemplo de perguntas: como foi a sua infância? Qual a história de origem dessa comunidade? Como se conheceram e decidiram se casar? Participou da resistência? Como? Como foi a construção da casa sagrada?
3. Realização da pesquisa.

Esses primeiros momentos podem ser feitos em sala de aula, sob a sua orientação.

Com a pessoa escolhida e algumas perguntas formuladas, oriente os grupos para a realização da pesquisa, observando os seguintes pontos.

- Pedir permissão para fazer a entrevista;
- Fazer anotações das respostas;
- Fazer registro em áudio, fotografia ou vídeo, caso queiram.

Depois disso tudo, os grupos estarão prontos para ir a campo e realizarem suas pesquisas.



Etapa 4: Apresentação da pesquisa

O momento de apresentação da pesquisa divide-se em duas etapas: a preparação e a apresentação propriamente dita. A apresentação deve ser oral, mas os/as alunos/as podem usar imagens, desenhos ou qualquer outro suporte que considerem interessante.

Objetivos:

- Capacitar os/as alunos/as para prepararem uma apresentação, treinando habilidades como planejamento e organização;
- Desenvolver a criatividade, a memória e a oralidade.

Atividades propostas:

1. Preparação da apresentação

Para a apresentação determine um tempo para cada grupo, de 10 a 15 minutos a depender do número de grupos formados.

Oriente para que todos/as participem de algum modo. Indique ainda como partes da apresentação informar quem foi entrevistado/a, contar as narrativas de vida que ouviu e partilhar impressões sobre elas (o que achou das histórias, por que são importantes, por que as escolheu).

2. Apresentação

Por fim, possibilite a apresentação dos trabalhos. Nesse momento, estimule a escuta e, ao final de cada apresentação, reserve um momento para que quem assistiu possa fazer perguntas ou comentários.

Ao final de tudo, é interessante que você mesmo/a realize um fechamento da atividade, fazendo breves comentários sobre as apresentações e agradecendo por todos os trabalhos.

Etapa 5: Avaliação oral sobre os temas e o gênero

A avaliação é um momento para olhar para toda a experiência, perceber e fortalecer os aprendizados, assim como identificar pontos a serem revistos. É muito importante que você, professor/a, tenha a escuta aberta no sentido de estimular seus/suas alunos/as para que não tenham medo de falar. Esse é um momento importante também para perceber o que precisa ser reforçado.

Atenção, a avaliação não deve ser um momento de cobranças, mas de novas possibilidades de troca a aprendizado e, outra vez, mais uma oportunidade para desenvolver a oralidade e a escuta de seus/suas alunos/as.

Objetivos:

- Construir uma memória do processo;
- Avaliar as atividades desenvolvidas;
- Autoavaliação dos/das alunos/as.



Atividades propostas:*1. Autoavaliação*

Peça aos integrantes de cada grupo, que trabalharam juntos na pesquisa e na apresentação dos trabalhos, para se reunirem e responderem às seguintes perguntas:

- Entre a pesquisa e a apresentação, quais foram os nossos pontos fortes?
- Entre a pesquisa e a apresentação, quais foram os nossos pontos fracos?
- O que faríamos de diferente?
- Peça para que cada grupo apresente suas respostas para todos/as.
- Ao final, faça comentários sobre os aspectos de que mais gostou nas apresentações e dê sugestões para momentos futuros.

2. O que aprendemos com as narrativas de vida?

Coloque no quadro a seguinte pergunta: “O que aprendemos com as narrativas de vida?”

- Peça para que respondam a essa pergunta, primeiro, individualmente, em uma folha de papel.
- Em seguida, peça para que se reúnam em duplas e compartilhem as impressões oralmente.
- Depois de algum tempo, reúna as duplas em grupos de quatro ou seis membros para que, outra vez, compartilhem as impressões entre si. Em cada subgrupo, peça para que escolham uma pessoa para ser o/a porta-voz do grupo.

- No grande grupo, organizados/as em círculo, peça para cada porta-voz se apresentar.

Dessa forma, todos/as terão a oportunidade de falar, inclusive os/as mais tímidos/as e você poderá perceber o que eles/elas aprenderam com a atividade. A partir do que falarem e a partir do que você perceber, faça complementos, lembre o que é uma narrativa de vida, quais são suas principais características e a sua importância como registro/preservação de tais histórias.





Quando era ainda pequenino, gostava muito de ouvir histórias, como a história do *João jogador* contada por meu avô. Essa história era contada quando era noite, para motivar-nos a dormir. Ficava contente quando ouvia essa história.

Felisberto de Jesus

* * *

Quando era criança costumava ouvir histórias. Era o meu avô que contava muitas histórias para mim como as lendas do meu suco. Eu me sentia contente e também triste quando ouvia essas histórias. E sempre queria ouvir mais e mais.

Jemima Baptista Gomes



Gênero contos de tradição oral

Contos de tradição oral são narrativas, em geral curtas, transmitidas de geração a geração, de boca a ouvido. Por serem muito antigas, não sabemos quem criou essas histórias, por isso, dizemos que são de autoria desconhecida. Por terem sido transmitidas oralmente, através dos tempos, elas não possuem um texto fixo. Cada pessoa que conta uma dessas histórias sempre as modifica um pouco, é por isso que pode haver muitas versões para um mesmo conto.

Em Timor-Leste, existe um tipo de conto muito especial, as lendas, que falam da origem de lugares, pessoas ou objetos sagrados, como é o caso do crocodilo e o menino, uma história que trata da origem do país e, ao mesmo tempo, traz o crocodilo, um animal sagrado para os timorenses. Além das lendas, existem histórias sobre reis, príncipes, princesas, sobre o sol, a lua, as estrelas, etc. Vale a pena explorar o universo dos contos de tradição oral de Timor-Leste!



Etapa 1: Introdução ao gênero

Os contos de tradição oral, possivelmente, estão presentes na vida de seus/suas alunos/as. Não é difícil que tenham algum/a tio/a, um/a irmã/o mais velho/a, um avô ou avó, que lhes contem histórias. Nesse primeiro momento, você professor/a deve trazer essa experiência de ouvir e contar histórias para dentro da sala de aula, refletindo sobre ela, buscando compreendê-la como uma possibilidade de produção textual, de valorização da cultura local e de desenvolvimento da fala.

Objetivos:

- Trazer experiências de narração de contos de tradição oral para dentro da sala de aula;
- Refletir sobre o texto do conto de tradição oral, pensando seus temas e que sentidos possuem;
- Levantar as memórias que os/as estudantes têm com relação à escuta e a narração de tais histórias.

Atividades propostas:

1. Roda de histórias

Como falamos antes, a primeira atividade deve ser a de apresentar para a sua turma uma experiência de narração de contos da tradição oral. Há duas alternativas interessantes: trazer um/a contador/a da comunidade ou realizar, você mesmo/a, a roda

de histórias. Em qualquer um dos casos, temos uma recomendação importante: na hora da roda, organize a turma em semicírculo (meia-lua) e explique a importância da atenção e da escuta para que seja um momento realmente prazeroso e de aprendizado para todos/as.

Alternativa 1: convidar um/a contador/a de histórias da comunidade

A primeira alternativa é convidar algum/a contador/a de histórias de sua comunidade para realizar uma roda de histórias em sua sala de aula.

Essa é uma alternativa que traz os saberes tradicionais para a sala de aula. Nesse caso, a roda de histórias pode ter três momentos:

- Apresentação do/a contador/a de histórias: quando você, professor/a, explica quem é a pessoa e porque a convidou para participar da aula;
- Roda de histórias: momento do/a contador/a de histórias partilhar narrativas;
- Conversa: momento em que os/as alunos/as podem fazer comentários e perguntas, sobre as histórias que mais gostaram e porque, sobre o/a contador/a de histórias, etc. Você também, professor/a, pode contribuir fazendo perguntas como: Onde e com quem o/a contador/a aprendeu aquelas histórias? Se ainda conta histórias e para quem? Quais as histórias de que gosta mais?

A principal vantagem dessa alternativa é a valorização tanto das histórias da tradição oral como

daqueles/as que normalmente as contam, pessoas que podem até mesmo desconhecer a escrita, mas que possuem enorme acervo de experiências e narrativas.

Alternativa 2: roda de histórias realizada pelo/a próprio/a professor/a

Se não for possível trazer alguém da comunidade, realize você mesmo/a uma roda de histórias. Para isso, escolha de uma a três narrativas de seu repertório, preferencialmente, histórias que tenha ouvido quando era criança.



ATENÇÃO

Não deve ser uma dramatização, mas uma contação, de modo semelhante a quando ouvia histórias em sua infância, uma conversa, numa relação de proximidade com seus/suas alunos/as.



Antes de começar a contar, para criar um espaço e uma abertura para a escuta, uma boa sugestão é cantar uma canção. No início da aula, é comum os/as alunos/as estarem agitados e dispersos. Se começar a contar as histórias com eles/elas assim é possível que tenham dificuldades de escutar e de prestar atenção. Por isso, é preciso criar um silêncio na sala para a escuta. E a melhor forma de fazer isso não é pedindo ou exigindo que silencie. A canção é algo que costuma acalmar criando esse silêncio sem esforços. Preferencialmente, use uma canção timorense, pode ser até uma que os/as alunos/as conheçam, pode ser uma canção de ninar, o que preferir. Enquanto canta, verá que, pouco a pouco, todos começam a se aquietar e quem antes

estava disperso, junta-se ao grupo e centra a atenção.

Nessa alternativa, a roda pode ter os seguintes momentos:

- Canção de abertura: pra ajudar os/as alunos/as a se concentrarem.
- Roda de histórias: momento em que você partilha a(s) sua(s) história(s).
- Conversa: após as histórias, abra um espaço para os/as alunos/as comentarem que partes das histórias mais gostaram, se já conheciam aquela(s) narrativa(s) (mesmo em outras versões), quem havia contado, se gostam de ouvir histórias e por que gostam.

Em qualquer caso, anote as falas e observações de seus/suas alunos/as: possivelmente eles/elas vão falar coisas como: se ouvem, ouvem dos/as mais velhos/as, acham as histórias divertidas, gostam dos/as heróis/heroínas, das aventuras, da magia. Essas respostas podem ser usadas para você, ao final da roda de histórias (seja ela conduzida por você) ou por alguém de sua comunidade, falar sobre o gênero conto de tradição oral, apresentando-o como uma narrativa em geral curta, transmitida oralmente, de geração a geração, lembrando o que é narrativa, conforme nós vimos nos capítulos anteriores.

Etapa 2: Repertórios

Em um segundo momento, tente descobrir qual o repertório dos/as alunos/as. Procure saber que histórias conhecem, quais são as que mais gostam,

quem as conta, ou seja, trabalhe a partir da relação que eles/elas já têm com as narrativas.

Objetivos:

- Mapear o repertório de contos da tradição oral dos/as alunos/as;
- Fazer um primeiro exercício de expressão oral a partir de tais contos, com o uso de desenhos para facilitar a fala;
- Conversar sobre a importância de tais narrativas.

Atividades propostas:

1. As histórias que nós conhecemos

Comece esse momento perguntando aos/as alunos/as quem ouve histórias. A partir das respostas, pergunte ainda que histórias ouvem e quem as conta. Dificilmente haverá alguém que nunca ouviu uma história, sobretudo no contexto de Timor-Leste, onde as expressões orais e tradicionais são ainda tão fortes.

Depois dessa conversa inicial, peça para que os/as alunos/as se reúnam, em duplas ou trios, garantindo assim que pessoas que nunca ouviram histórias não trabalhem sozinhos. Essa estratégia também contribuirá para que os/as mais tímidos/as tenham oportunidade de partilhar suas narrativas.

Nas duplas ou trios, peça para que os/as alunos/as partilhem suas histórias.

Após a partilha, peça que escolham uma das histórias e desenhem-na em uma folha de papel A3 (podem ser duas folhas A3 coladas, quanto maior, melhor!).

Com as histórias desenhadas, dê a oportunidade para que cada dupla ou trio apresente a sua história. Estimule para que todos/as dos subgrupos se apresentem.

Uma coisa importante: se houver muitas histórias, divida-as em dois blocos. Ouvir muitas histórias seguidas pode ser cansativo e, depois de algum momento, os/as outros/as vão se dispersar e a atenção, tão importante nesses momentos, pode se perder. Uma sugestão é fazer intervalos, em que você pode fazer brincadeiras, jogos, canções. Se precisar, use mais de uma aula para fazer as apresentações. Lembre-se, você, melhor do que ninguém, entende o tempo de sua turma.

Depois que todas as duplas ou trios se apresentarem, faça uma exposição dos trabalhos em sala de aula, cole-os nas paredes ou em barbantes esticados, por exemplo. É muito importante expor esse tipo de produção, isso valoriza o trabalho e os esforços dos/as alunos/as.

2. O como e o porquê dos contos

Comece explicando que existem diferentes tipos de contos da tradição oral. Em Timor-Leste, são muito frequentes três tipos:

- Lendas: como já dissemos anteriormente, essas são histórias que tratam da origem de lugares, de comunidades e mesmo da nação, como é o caso da história do menino e do crocodilo, que conta sobre a origem do país.
- Contos de encantamento: são histórias em que há magia, como a transformação de animal em gente, de rochas em castelos.

Normalmente, tais histórias têm príncipes e princesas, reis e rainhas. Em Timor-Leste, algumas dessas histórias têm influência das narrativas portuguesas.

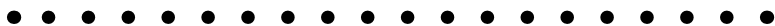
- Contos de animais: narrativas em que animais falam e possuem características humanas. Também podem ser chamadas de fábulas.

A partir dessa explicação inicial, relembre com os/as alunos/as as histórias que foram contadas, reconhecendo-as como lendas, contos de encantamento ou de animais.



ATENÇÃO

Há histórias que podem ter características de mais de um tipo. O importante é você identificar, junto com a turma, essas características. E pode ter histórias que não tenha nenhuma das características acima, como as histórias de humor, por exemplo. Os três tipos de contos apontados acima são apenas os mais comuns. O importante nesse momento é explorar as possibilidades das narrativas orais.



Depois de identificar os tipos de contos, outra conversa interessante pode ser sobre a importância dos contos. Coloque no quadro a seguinte pergunta: Por que os contos são importantes? Permita que sua turma expresse sua opinião, que troque impressões e você, professor/a, pode intervir acrescentando, trazendo mais informações, questionando seus alunos.

Etapa 3: Pesquisa de contos da tradição oral

O trabalho de pesquisa é muito semelhante àquele proposto no gênero narrativas de vida. Os passos são exatamente os mesmos: ir a campo, escolher alguém para ser entrevistado, colher uma história, voltar para a sala de aula e apresentar. Dessa vez, no entanto, o objetivo é ir a campo em busca de uma narrativa – diferente de todas aquelas contadas até o momento em sala de aula – para ser recontada pelos/as alunos/as.

Objetivos:

- Estimular e preparar os/as alunos/as para a pesquisa;
- Realizar o trabalho de campo, em busca de contos da tradição oral.

Atividade proposta:

Na etapa preparatória, divida o grupo em duplas ou trios. Nesse caso, um número menor de estudantes em cada grupo é importante para que, na medida do possível, todos/as tenham a oportunidade de narrar.

Oriente-os a buscar uma história que ainda não foi contada em sala de aula, lembrando os tipos de histórias mais comuns em Timor-Leste: lendas, contos de encantamento e contos de animais.

Eles/elas devem buscar essas histórias em suas comunidades, junto aos mais velhos. Se quiserem, podem gravar em áudio ou vídeo ou mesmo fotografar. Mas lembre-os que a apresentação das



histórias será oral.

Depois dessas orientações iniciais, é só ir a campo.

Etapa 4: Roda de histórias

Esta etapa deve ser dividida em dois momentos: a preparação e a apresentação propriamente dita. Na preparação, os/as estudantes devem ter a oportunidade de ensaiarem, de pensarem as etapas e como querem dividir entre si a narração da história, lembrando que todos/as devem participar. Com relação às apresentações, elas precisam ser organizadas de modo a ser um momento de prazer para todos/as, não podem ser colocadas em um único dia, para não cansar, devendo haver oportunidades para todos/as tanto de escuta como de fala.

Objetivos:

- Trabalhar aspectos importantes para a narração de histórias: como a memória, o olhar, o gesto e a voz;
- Partilhar as histórias colhidas entre si;
- Desenvolver a imaginação, a escuta e a atenção através do contato com as histórias;
- Praticar a oralidade por meio da narração de histórias.



Atividades propostas:

1. Preparação da apresentação

Na preparação para a apresentação, é importante que você, professor/a, trabalhe alguns elementos.

Com relação à apresentação, em como pode ser organizada, os/as alunos/as devem pensar:

- Em uma maneira de introduzir a história: uma canção é sempre uma boa alternativa. Esse é o momento em que se busca o silêncio dos/as colegas para dar início à história. Um instrumento musical como um babadok pode ser utilizado.
- Em como vão dividir a contação da história entre si.
- E, no final, é sempre importante que eles comentem de quem recolheram a história e porque gostaram dela, porque decidiram contá-la.

Se quiserem usar alguma roupa especial, podem! Estimule-os a usar a criatividade de modo a deixar o momento mais bonito.

Em relação ao como contar, eles/elas devem observar os seguintes aspectos:

- Memória: a história narrada não tem um texto fixo, os/as alunos/as não precisam se preocupar em decorar. O mais importante é que eles/elas pensem no caminho da narrativa e a contem conforme lembram, de acordo com as próprias palavras. Reforce que eles/elas devem contar com as próprias palavras e que isso é o mais importante;

- Olhar: na hora em que contam, é importante olhar para os/as colegas. Olhos no chão ou distantes dão a impressão de que nem mesmo quem está contando valoriza aquela história e isso tira a atenção de quem está escutando;
- Gesto: é importante deixar as mãos soltas na hora em que se está contando, elas podem se movimentar de acordo com a vontade de quem está contando, como em uma conversa. Pelas mãos, quem conta pode dizer se algo é baixo ou alto, se é grande ou pequeno, ou seja, pelas mãos, quem conta pode dar algumas informações sobre a história, deixando-a mais rica.
- Voz: peça para lembrarem as pessoas que escutaram. O que se lembram da voz dessas pessoas? Normalmente, contar é como conversar, precisa-se de uma voz forte e que seja modulada, ou seja, que tenha altos e baixos, uma hora mais forte, outra hora mais fraca, como uma melodia musical, para que estimule a atenção de quem ouve.

Se sentir necessidade, dê espaço nas aulas para, pelo menos, um ensaio, um em que você esteja presente e possa dar sugestões e orientações para seus/suas alunos/as.

2. Apresentação

Na apresentação das histórias, o mais importante é a experiência de ouvir e contar histórias. Organize a sala em roda e, se precisar, faça duas rodadas, para que haja prazer e não cansaço, para que seja um momento de alegria.

Etapa 5: Avaliação do gênero

A avaliação é um momento para olhar para toda a experiência, perceber e fortalecer os aprendizados, assim como identificar pontos a serem revistos. Nesse momento, é muito importante que você, professor/a, tenha a escuta aberta no sentido de estimular seus/suas alunos/as para que não tenham medo de falar. Ao mesmo tempo, esse é um momento importante para perceber o que precisa ser reforçado.

Atenção, a avaliação não deve ser um momento de cobranças, mas de novas possibilidades de troca a aprendizado e, outra vez, mais uma oportunidade para desenvolver a oralidade e a escuta de seus/suas alunos/as.

Objetivos:

- Construir uma memória do processo;
- Avaliar as atividades desenvolvidas;
- Autoavaliação dos/das alunos/as.

Atividades propostas:

1. Autoavaliação

Divida a turma em subgrupos de 4 a 6 membros. Peça para que, dentro dos grupos, discutam os seguintes pontos:



- O que aprenderam com os contos de tradição oral?
- Quais foram os momentos mais importantes? Os momentos de que mais gostaram?
- Que dificuldades sentiram?

Dê um espaço para que os grupos se apresentem. Ao final, faça alguns comentários gerais sobre o que percebeu de comum nas falas dos/as alunos/as, valorize a participação deles/delas indicando pontos importantes.

2. Avaliação do gênero

Coloque no quadro a seguinte pergunta: “o que são os contos de tradição oral e por que é importante contá-los”?

Peça-os para responderem a essa pergunta primeiro em uma folha em branco e, em seguida, abra para uma partilha coletiva. Anote os pontos-chaves das falas dos/as alunos/as e, ao final, lembre as questões trabalhadas sobre o gênero “conto de tradição oral”, sobre a importância dos/as contadores/as de histórias e da transmissão dessas histórias ao longo das gerações.



Argumentação

Neste capítulo vamos abordar a argumentação. Vamos falar de como se defende uma ideia, posição, ponto de vista ou opinião a respeito de determinado tema.

Para começar é interessante saber: como você avalia as suas ideias? Como reage quando alguém discorda dos seus pensamentos ou, ainda, como utiliza a linguagem quando quer convencer alguém de algo?

Se você respondeu que suas ideias são boas, que pode defendê-las sem medo, e que é preciso discutir quando alguém discorda da forma como pensa, é porque elas, as ideias, estão articuladas entre si, possibilitando a interpretação dos argumentos, de maneira a tornar mais fácil a defesa do tema em questão.

Agora há mais uma pergunta para responder:

O que são bons argumentos?

Bons argumentos são construídos a partir

de conhecimentos sobre determinado tema. Vale lembrar que todos/as nós temos opiniões sobre os assuntos que conhecemos. Esses conhecimentos se constituem quando ouvimos alguém falar sobre determinada questão, ou lemos sobre ela, ou ainda, por vivenciarmos situações no nosso dia a dia. Nossas ideias se fortalecem quando argumentamos a favor delas.

Na oralidade, o ato de argumentar é espontâneo. Isso significa que quando estamos em uma discussão, em uma troca de ideias, nossos conhecimentos são expressados automaticamente, enunciando o que está guardado em nossa mente.

Para defender nossas ideias, utilizamos argumentos com o intuito de impressionar, gerar credibilidade, convencer de algo. Ao fazermos isso, colocamos em prática elementos de raciocínio e de uso da linguagem, tais como clareza, antecipação, oposição a contra-argumentos, não-contradição, entre outros recursos.

Vamos ver o que são cada um desses elementos?

A clareza – Falar de forma clara, o mais transparente possível para facilitar a compreensão do/da ouvinte.

A antecipação – Esse elemento possibilita ao/à falante antecipar a ideia que acredita que seu/sua ouvinte tenha sobre determinado tema, atraindo para si o discurso do outro, o que facilita utilizar antecipadamente o contra argumento do/da ouvinte.

A oposição a contra-argumentos – Essa é a forma de argumentar contra alguma ideia. Nessa fase o/a

falante se posiciona contra o argumento de quem está dialogando com ele/ela.

A não-contradição – Esse elemento fornece ao/à falante meios de não desdizer suas afirmações. Não é possível dizer algo em seu discurso e, na sequência, falar coisas que se posicionem contra a ideia que está defendendo. O/a falante deve ser coerente com o uso dos argumentos.

E quando precisamos argumentar contra uma ideia?

Este é um ponto muito importante para resolver discussões. Quando estamos em uma discussão, não podemos apenas falar, precisamos também ouvir. Ao ouvir podemos elaborar os contra-argumentos considerando a ideia de quem está na discussão. É muito importante desenvolver o hábito de ouvir nos/nas alunos/as. Esse ato possibilita uma reflexão autônoma em razão da fala do outro. Ouvir significa dar oportunidade para que seus argumentos não se tornem imposição aos argumentos do outro, mas uma maneira de convencê-lo de suas ideias.





Quando temos problemas na minha comunidade as formas mais importantes de resolver é por diálogo para tomar as decisões perante a lei através do chefe do bairro, chefe de aldeia para resolver esses problemas.

Isabel Soares

* * *

Quando acontecem problemas na comunidade eu sempre tomo a benção e converso com a comunidade para resolver esse problema.

Inácio da Silva



Gênero debate

Debate é um gênero discursivo que proporciona aos sujeitos a exposição dos seus argumentos, suas ideias, confrontando opiniões com o intuito de convencer e desenvolver a criticidade, a autoafirmação e a argumentação de forma espontânea. Em um debate, o compartilhamento de pensamentos amplia o conhecimento de todos/as os/as participantes, por isso é um gênero muito importante para ser trabalhado em sala de aula.

Etapa 1: Introdução ao gênero

Professor/a, nessa primeira etapa você irá apresentar aos/às alunos/as a importância da participação em decisões coletivas que os/as afetam. Lembre-os/as que para isso é preciso que eles/elas saibam se posicionar oralmente em diferentes situações e organizem as ideias para defenderem seu ponto de vista. O tema para essa etapa será o convívio social e os diversos conflitos, de diferentes graus de intensidade, que vivem na escola.

vObjetivos:

- Promover a prática da oralidade em sala de aula;
- Permitir que os/as alunos/as conheçam as principais características do gênero debate;
- Conhecer os problemas relacionados ao ambiente escolar;
- Fazer com que os/as alunos/as posicionem-se em relação aos temas escolhidos;
- Ressaltar o papel da argumentação perante diferentes ideias.

Atividades propostas:*1. Os problemas presentes na escola*

Inicie a conversa perguntando para os/as alunos/as sobre problemas que observam na escola. Para incentivar e ajudar a perceber tais problemas, você pode fazer uso de perguntas como: o que preocupa vocês na escola? Vocês acham que o espaço para as atividades ao ar livre na escola é bom? O barulho que vem de fora da escola atrapalha sua concentração nas aulas?

Escreva no quadro os temas que mais foram citados. Discuta-os e estimule seus/suas alunos/as a falarem sobre como tais problemas os/as afetam na vida escolar. Estimule-os/as a narrar situações que presenciaram ou ouviram de outras pessoas, sem, claro, citar nomes ou expor ninguém. Esse tipo de partilha a partir da experiência e dos relatos pessoais pode ser muito rica.

*2. Jogo do sim e não***ATENÇÃO**

Para elaborar essas questões é importante que você utilize seu conhecimento em relação à escola em que atua. Em relação às perguntas cujas respostas podem ser SIM ou NÃO, pergunte aos/as alunos/as o porquê de sua resposta, assim eles/elas poderão ter mais chances de desenvolver uma opinião.

O Jogo do Sim e do Não tem como objetivo incentivar os/as estudantes a se posicionarem perante os temas expostos. Faça uma linha no chão (pode ser feita com uma corda, uma fita, etc.) e explique aos/as alunos/as que você irá colocar diferentes questões e, a cada vez, eles/elas, um a um, devem dizer se concordam ou não e explicar o porquê. Os/as que concordam devem ficar de um lado da linha, e os/as que não concordam do outro.

ATENÇÃO

É importante que eles/elas entendam que respostas como porque eu acho, ou não sei, não são bons argumentos. Eles/elas devem explicar o motivo pelo qual escolheram um ou outro lado da linha.

Depois que emitirem suas opiniões e ouvirem uns aos outros, dê a possibilidade de que mudem de posição. Lembre-se, ficar em cima da linha, ou seja, não concordar nem discordar também é uma posição, apenas precisa ser argumentada.

Ao final do jogo converse com sua turma a respeito das falas utilizadas para se posicionar de um

ou outro lado da linha (ou mesmo em cima da linha). Explique que o que cada um/a fez foi argumentar defendendo o seu ponto de vista. Você pode aproveitar esse momento para falar também sobre o valor que as diferentes opiniões têm na vida em comunidade.

3. Os problemas presentes na comunidade

Pergunte aos/às alunos/as sobre temas que ocorrem na comunidade em que vivem. Utilize algumas perguntas para incentivá-los/as a falar, por exemplo: que problemas a comunidade enfrenta? Como esses problemas são resolvidos? Quem toma as decisões que afetam toda a comunidade?

Após essa discussão inicial, peça para que os/as estudantes realizem esse mesmo levantamento com a sua família e vizinhos/as para que na próxima etapa vocês possam conversar sobre os assuntos que eles/elas pesquisaram.

Etapa 2: Escolha dos temas para debate

A segunda etapa é destinada a expandir o conhecimento acerca de problemas oriundos da vida em sociedade para além dos muros da escola. É importante nesta etapa que os/as aluno/as diferenciem, entre os assuntos abordados, aqueles que possuem opiniões contraditórias entre os membros da comunidade, ou seja, os assuntos que se configuram como questões polêmicas para os moradores.

Objetivos:

- Selecionar junto aos/às alunos/as problemas existentes na comunidade em que vivem;
- Identificar questões polêmicas locais.

Atividades propostas:

1. Escolha de uma questão polêmica

Faça oralmente a recolha dos temas coletados pelos/as alunos/as. Peça para que relatem os problemas encontrados em suas comunidades e a fonte em que os coletou (familiares, vizinhos/as, etc.). À medida que os/as alunos/as apresentam os assuntos que trouxeram coloque-os no quadro, prestando atenção aos temas comuns que se aproximam e podem ser organizados de forma a não ficarem repetidos.



ATENÇÃO

As atividades orais demandam organização, pois é comum que todos/as os/as alunos/as queiram falar e falem, muitas vezes, ao mesmo tempo. Cabe a você professor/a organizá-los/as e fazê-los/as compreender a importância também da escuta da fala do outro.



Com as temáticas expostas e organizadas releia-as junto com seus/suas alunos/as e escolham aquelas que considerem como questões polêmicas da comunidade. Explique para eles/elas que uma questão polêmica é aquela que gera confronto entre diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema. Ao final dessa etapa os/as alunos/as devem escolher dentre os temas colocados no quadro, duas questões polêmicas.

Etapa 3: Preparação para o debate

Esta etapa será dedicada a preparar os/as estudantes para a realização de um grande debate sobre as duas questões polêmicas escolhidas na aula anterior.

Explique a importância de relacionar as informações que recolheram ao conhecimento que eles/elas têm sobre o assunto na elaboração de argumentos para a defesa do ponto de vista que o grupo assumiu. Os/as alunos/as devem saber que essas ideias serão confrontadas por meio de um debate e que, ao final da atividade, o grupo que conseguir expressar melhor e de forma mais bem embasada seus argumentos terá conseguido eleger uma solução para a questão polêmica.

Objetivos:

- Desenvolver o interesse pelo debate de ideias e pelo bom uso da palavra;
- Buscar informações sobre a questão polêmica;
- Preparar argumentos.

Atividade proposta:

1. Construção dos argumentos

Divida a turma em grupos e distribua para cada grupo uma questão polêmica. Os grupos devem entrar em um consenso para definir a questão polêmica que trabalharão (procure dividir as questões polêmicas de forma igual entre os grupos, para isso resalte as características de cada uma, auxiliando na escolha de seus/suas alunos/as). Instrua para que eles/elas conversem e cheguem a um posicionamento em comum no grupo: afinal, concordam ou não com a questão colocada?

Ajude-os/as a organizar argumentos que defendam a opinião do grupo. Você pode motivá-los/as com perguntas como: por que o grupo tem essa opinião? Como vocês poderiam convencer o outro grupo da opinião de vocês?

Etapa 4: O debate, argumentação e contra-argumentação

Chegou a hora de realizar os dois grandes debates!

Nesta atividade todos/as participarão de duas maneiras: debatendo e defendendo a posição do grupo ao qual pertencem e, posteriormente, como expectadores/as e avaliadores do debate entre os outros dois grupos.

Objetivos:

- Realizar o debate entre os alunos;
- Demonstrar a importância da argumentação oral para a resolução de conflitos.

Atividades propostas:

1. Organização do debate

Explique aos/às alunos/as que os diferentes grupos já têm sua opinião sobre as questões polêmicas e que, como nem todos os grupos têm a mesma opinião é preciso que as ideias sejam debatidas para que se chegue a um consenso. Retome as características do gênero debate presentes no início deste capítulo para auxiliá-lo/a nessa explicação.

Divida a turma em dois grupos de acordo com as questões polêmicas. Em seguida faça uma subdivisão em cada grupo: de um lado aqueles que apresentam ideias favoráveis à questão colocada e do outro lado o grupo que representa opiniões não favoráveis à questão.



2. Estabelecendo as normas do debate

Antes de iniciar o debate estabeleça junto aos participantes algumas normas, como: tempo de fala para cada grupo, o direito à resposta, o respeito à fala da outra pessoa e as penalidades decorrentes do não cumprimento das normas estabelecidas.

3. Realização do debate

Durante o debate, o seu papel será o de mediador/a, organizando a discussão, cuidando para que todos/as possam se manifestar, passando a palavra (ou limitando-a, quando necessário), pedindo esclarecimentos, resumindo pontos de vista e opiniões, mas, principalmente, chamando a atenção da turma para a necessidade de usar bons argumentos para fundamentar posições.

Ao final de cada debate peça para que o grupo de alunos/as que assistiu converse entre si e exponha oralmente sua opinião em relação ao que foi debatido.

Etapa 5: Avaliação oral sobre os temas e o gênero

Objetivos:

- Avaliar as atividades desenvolvidas;
- Autoavaliação dos/das alunos/as.

A avaliação das atividades desenvolvidas é uma etapa muito importante. Quando trabalhamos na perspectiva dos gêneros temos como objetivo que o/a aluno/a se aproprie do gênero estudado e consiga utilizá-lo em uma situação de comunicação.



Atividades propostas:

1. Autoavaliação dos alunos

Peça que os/as alunos/as façam um círculo e explique que vocês terão uma conversa sobre as atividades desenvolvidas e que eles/elas devem falar de como se sentiram defendendo suas ideias. Você pode fazer perguntas como: agora que vocês já realizaram um debate, vocês acham que é uma forma interessante de resolver problemas que geram diferentes opiniões, por quê? Vocês ficaram satisfeitos/as com as decisões em relação aos debates realizados? Vocês consideram o debate uma forma interessante de resolver questões polêmicas de interesse comum? Por quê? Há momentos semelhantes na comunidade de vocês? Podem relatar?

2. Avaliação das produções

Enquanto os/as alunos/as falam, sua avaliação dos debates realizados pode se basear em critérios como: o gênero debate foi compreendido enquanto maneira de discutir problemas coletivos? Para expressar oralmente suas opiniões acerca das atividades os/as alunos/as utilizam argumentos em defesa do que falam? Durante a avaliação os/as alunos/as põem em prática elementos presentes nas atividades? Eles/elas respeitam e ouvem a fala do/a colega?

Professor/a, esse momento é importante para você conversar com os/as estudantes retomando as características do gênero debate e avaliando junto a eles/elas, de modo geral, o desenvolvimento das atividades. Para tanto, retome os acontecimentos interessantes ao longo do desenvolvimento das etapas, destacando as fortalezas e as fragilidades do grupo.



Na minha vida escuto propaganda na rua,
tem um vestido com o tais, eu gosto porque é
produção cultural de Timor-Leste, é minha cultura
por isso eu gosto.

Bakita da Silva

* * *

Quando era criança lembro de uma propaganda que
gostei muito sobre as bonecas bonitinhas, porque no
fim meu pai comprou uma boneca como presente no
meu aniversário.

Irmã Felicidade Sequeira Amaral



Gênero anúncio publicitário

O gênero do discurso anúncio publicitário tem por objetivo convencer alguém a adquirir algum produto ou ideia. As formas de linguagem utilizadas nesse gênero podem ser a verbal e a não verbal, como recursos de persuasão/efeito de convencimento. O anúncio publicitário está presente na televisão, nos jornais, na rádio ou, como é muito comum em Timor-Leste, nas conversas boca a boca que ocorrem nas ruas.

Etapa 1: Introdução ao gênero

Professor/a, nessa primeira etapa você irá apresentar aos/as seus/suas alunos/as a importância do conhecimento dos aspectos linguísticos e sociais no uso da oralidade para convencer alguém a adquirir determinado produto ou ideia. Anuncie que eles/elas irão conhecer esses aspectos, o gênero em que são produzidos e sua ocorrência em nossa vida cotidiana.

Objetivos:

- Promover a prática da oralidade em sala de aula;
- Apresentar o gênero discursivo anúncio publicitário;
- Conhecer os anúncios publicitários que integram o universo dos/as alunos/as;
- Compreender a intencionalidade presente na linguagem.

Atividades propostas:*1. Que anúncios publicitários nós conhecemos?*

Pergunte aos/às seus/suas alunos/as o que eles/elas percebem em relação a vendas no caminho que percorrem de suas casas até a escola. Se eles/elas veem placas, outdoors, pessoas com seus produtos, etc. É importante que todos/as tenham oportunidade de falar o que costumam ver e lhes chama atenção.

2. O gênero anúncio publicitário

Após a exposição dos/as alunos/as, introduza o gênero anúncio publicitário, utilizando dos exemplos citados por eles/elas. Para tanto, você pode utilizar perguntas como: que produtos ou ideias são oferecidos? Como é possível saber isso? Você já quis ter algo porque viu ou ouviu por meio de um anúncio?

À medida que forem falando, faça anotações dos produtos ou ideias mais citados, do porque os/as estudantes lembraram e os elementos do anúncio que mais lhes chamou atenção.

Utilizando de suas anotações, explique que o

anúncio publicitário tem como objetivo vender um produto ou uma ideia. É importante que seus/suas alunos/as compreendam que o anúncio publicitário é a representação de um produto ou ideia, com o objetivo de despertar nos/as consumidores/as a vontade de adquiri-lo. Comente que esse gênero discursivo circula nas práticas sociais da mídia e está presente em todos os aspectos da vida social e cultural.

Etapa 2: Os elementos utilizados no anúncio publicitário

O primeiro momento foi dedicado a levar os/as alunos/as a perceberem os anúncios publicitários presentes em sua vida cotidiana e a função social que desempenham. Eles/elas tiveram a oportunidade de pensar sobre esses elementos e falarem suas opiniões sobre eles. Nesta etapa, você irá leva-los/as a conhecer alguns aspectos que caracterizam esse gênero, como a linguagem utilizada, as imagens, etc.

Objetivos:

- Conhecer elementos que compõem o gênero anúncio publicitário;
- Identificar recursos verbais e não verbais que funcionam como argumentos.



Atividades propostas:

1. A função do anúncio publicitário

Inicie esta etapa lembrando os anúncios citados pelos/as alunos/as na etapa anterior. Mostre para eles/elas que vários são os elementos levados em consideração para a criação do anúncio: o produto ou ideia que promove, o público a que o produto se destina (há produtos específicos para crianças, adultos, estudantes, etc.), os aspectos positivos do produto que devem ser ressaltados para convencer o consumidor a adquiri-lo, etc. Explique que todos esses elementos são levados em conta na criação de um anúncio publicitário, pois, seu objetivo é persuadir alguém a obter alguma coisa.

2. A utilização de imagens

Explique aos/as alunos/as que os anúncios publicitários são compostos de textos que relacionam elementos verbais e não verbais. Os elementos verbais são aqueles que se utilizam do código linguístico para transmitir uma mensagem (que pode ser oral, como ouvimos na rádio ou por meio dos vendedores de rua, ou escrita, como nas placas, cartazes, etc.). Os elementos não verbais, ao contrário, não utilizam o código linguístico para transmitir uma mensagem e sim recursos como imagens, gestos, danças, etc. No anúncio publicitário os recursos visuais são de forte representação. Chame atenção dos/as alunos/as para o uso de imagens nesse gênero. Peça para eles/elas se lembrarem de alguma imagem nos anúncios que observaram. Demonstre também que, quando não há imagens criadas a partir do produto, é o próprio produto que é mostrado.

3. O uso da oralidade

Peça para que seus/suas estudantes lembrem-se dos/as vendedores/as que costumam ver nas ruas de Timor-Leste. O que eles/elas vendem? Peixes, frutas, verduras, ovos, artesanatos, móveis, dentre outros produtos. Pergunte aos/as seus/suas alunos/as: O que essas pessoas costumam falar para vender os seus produtos? Elas mostram os produtos aos consumidores?

Leve seus/suas estudantes a perceberem que, mesmo sem o uso de muitos recursos, esses/as vendedores/as utilizam a linguagem oral e visual para tentar convencer alguém a adquirir seus produtos. Eles/elas argumentam, utilizando para tanto os aspectos positivos do produto, como por exemplo, que a fruta foi colhida recentemente, que é muito saborosa, que o preço está bom, etc.

Muitas vezes, apenas a oralidade é utilizada para tentar convencer os/as consumidores/as. A exemplo disso temos, também, a rádio, onde os anúncios são apresentados sem a utilização de imagens. Nesse caso é preciso que a oralidade seja explorada para descrever o produto, apresentar suas características, sua funcionalidade, etc., de forma que seja atraente para os/as ouvintes.

4. Pesquisa

Solicite que os/as alunos/as prestem atenção nos anúncios que ouvem na rádio ou procurem por um/a vendedor/a na região onde moram. Pode ser um que está na rua, na feira, etc., o importante é que seja um anúncio em que se tenha à disposição apenas a demonstração do produto e a exposição oral

para convencer alguém da compra. Oriente-os/as a prestarem atenção às seguintes questões: que produto está sendo vendido? O que é dito para convencer as pessoas a comprar o produto?

Etapa 3: Criando um anúncio publicitário

Esta etapa é dedicada a duas ações: a apresentação das pesquisas realizadas pelos/as alunos/as e a produção de um anúncio publicitário para um produto timorense.

Objetivos:

- Desenvolver a criatividade e a capacidade de argumentação oral;
- Produzir anúncios publicitários;
- Capacitar os alunos para prepararem uma apresentação, treinando habilidades como planejamento e organização em grupo.

Atividades propostas:

1. Apresentação das pesquisas

Professor/a, estimule os/as alunos/as a exporem oralmente aquilo que ouviram na rádio ou dos/as vendedores/as nas ruas. Coloque no quadro os produtos mais citados e os argumentos utilizados. Em seguida, mostre a eles/elas como a oralidade foi utilizada para o convencimento à compra de determinado produto. Aponte os principais argumentos.



2. Produção do anúncio publicitário

Divida a turma em grupos de 4 ou 5 pessoas, a depender do número de alunos/as. Incentive-os/as a tentar convencer alguém a comprar um produto. Para tanto, você pode criar a seguinte situação: Imagine que você e seus/suas colegas foram contratados para criar um anúncio para uma campanha sobre os brinquedos utilizados pelas crianças em Timor-Leste. Essa campanha deve promover a venda do brinquedo escolhido pelo grupo e será dirigida aos/as colegas de classe.

Instrua os grupos a, primeiramente, escolherem o produto que desejam vender. Lembre-os/as que para a criação do anúncio devem levar em consideração qual será o produto, quem é o público-alvo para o uso do produto e, de acordo com o produto e o público (feminino, masculino ou ambos) deverão direcionar a linguagem e os argumentos.



ATENÇÃO

Professor/a, essa atividade mobiliza a criatividade dos/as alunos/as. Não se esqueça de passar nas equipes e elogiar pelo menos um aspecto da produção, como forma de estímulo para a continuidade do trabalho.



3. Ensaio

Os/as alunos/as poderão fazer anotações escritas, mas a apresentação dos anúncios publicitários será oral. Para tanto dê tempo para que eles/elas ensaiem suas apresentações. Lembre-os/as que, além de uma argumentação convincente, podem utilizar

recursos como imagens, acessórios, vestimentas, ou seja, elementos que considerem importantes para demonstrar e valorizar o produto.

Etapa 4: Apresentação das produções

Esta etapa será reservada à exposição oral dos anúncios publicitários pelos grupos de alunos/as. Os grupos deverão mostrar aos colegas recursos linguísticos e visuais para vender o seu produto. Nesse momento a criatividade será essencial.

Objetivos:

- Desenvolver aspectos da argumentação em prol da venda de um produto;
- Praticar a oralidade em conjunto com aspectos não verbais;
- Desenvolver a criatividade e a capacidade de persuasão.

Atividade proposta:

1. Apresentações

Professor/a, antes de iniciar as apresentações, determine um tempo para cada grupo a depender de quantos grupos há. Instrua-os/as dizendo que os anúncios deverão deixar claro qual é o produto e devem tentar persuadir os/as colegas para a compra.

Estimule os/as demais para a escuta e atenção às estratégias empregadas para a venda do produto. Ao final de tudo, é interessante que você faça comentários sobre as apresentações, ressaltando os argumentos utilizados.

ATENÇÃO

Durante as apresentações, não se esqueça de observar elementos como: os elementos verbais e não verbais se complementam? O anúncio como um todo é atraente para o público ao qual se dirige? A linguagem está adequada ao público a quem o produto se destina?

Etapa 5: Avaliação oral sobre os temas e o gênero

A avaliação consistirá em dois momentos. 1º: na percepção dos/as alunos/as quanto às estratégias e recursos utilizados pelos/as produtores/as dos anúncios publicitários para vender um produto e, 2º: na criação do anúncio, envolvendo a capacidade reflexiva e de escolha quanto aos recursos de que dispõe a língua bem como os meios não linguísticos da comunicação oral: os movimentos, gestos, roupas, etc.

Objetivos:

- Avaliar as atividades desenvolvidas;
- Autoavaliação dos/das alunos/as.

Atividades propostas:

1. Avaliação das produções

Peça aos/as integrantes dos grupos que trabalharam juntos/as na apresentação dos anúncios para se reunirem e responderem às seguintes

perguntas: Que produto vocês ficaram com vontade de obter? Por quê?

Cada grupo deve apresentar suas respostas para todos/as. Ao final, faça comentários sobre os aspectos que mais gostou nas apresentações e dê sugestões para momentos futuros.

2. Autoavaliação dos alunos

Organize sua turma em um grande círculo e explique que vocês terão uma conversa sobre as atividades desenvolvidas e que eles/elas devem falar de como se sentiram utilizando argumentos para criar um anúncio publicitário. Estimule-os/as a falar sobre a organização do trabalho dentro dos grupos.

Em relação às apresentações, questione: os grupos ficaram satisfeitos com suas produções? Após todas as apresentações, mudariam algo na sua?

Por fim, coloque no quadro a seguinte questão: “O que aprendemos com o anúncio publicitário?”

Essa atividade pode ser feita individualmente. Peça para que os/as alunos/as falem suas respostas e, a cada resposta, coloque no quadro e continue estimulando perguntando se alguém anotou algo diferente.

Após todos os/as alunos/as falarem, mostre a eles/elas no quadro o que aprenderam ao produzir um anúncio. Nesse momento professor/a, você pode fazer complementos, relembrar o que é um anúncio publicitário, quais são suas principais características e que a argumentação para a persuasão não serve apenas para vender um produto, mas também uma ideia, e que essa venda nem sempre ocorre por meio de dinheiro, podemos vender nossas ideias em diferentes situações e com diferentes objetivos.



Só mais algumas palavras

A escola tem sido um local de ensino principalmente da escrita, tanto da escrita no que diz respeito ao ensino da língua, como do conhecimento escrito, ou seja, aquele armazenado em livros. Muito do conhecimento oral e tradicional fica do lado de fora da escola, perpetuando a ideia de que seria desnecessário trabalhar a oralidade em sala de aula, de que falar seria algo espontâneo, aprendido no cotidiano, nas relações com a família e com os amigos.

Com o tempo, porém, começamos a perceber a escola como um lugar que precisa integrar todos os saberes necessários ao desenvolvimento de crianças e jovens. É verdade que falar pode ser algo espontâneo e aprendido em meio às conversas e trocas familiares, mas é verdade também que a sala de aula deve ser um espaço privilegiado de aprendizado e desenvolvimento de todas as práticas de linguagem: a escrita, a leitura e a oralidade.

Isso porque não se trata apenas de aprender a falar, é necessário aprender como falar em diferentes

situações, expondo ideias, construindo argumentos, narrando fatos, defendendo pontos de vistas, explicando situações, etc. Tudo isso sem timidez, com confiança e sabendo selecionar os recursos verbais e não verbais que mais contribuem ao propósito comunicativo, coisa que só se adquire a partir da experiência.

Neste livro, trouxemos algumas possibilidades de práticas e exercícios de oralidade a partir de quatro gêneros específicos: a narrativa de vida, o conto de tradição oral, o debate e o anúncio publicitário. Esperamos que você, professor/a, possa experimentar cada um deles com suas turmas, possa aprender com eles, ampliando suas práticas para outras possibilidades de gêneros orais como a entrevista, o discurso, o relato de experiência, o seminário, etc.

Em tudo, esperamos que tenham prazer na experiência com os gêneros orais, tanto você, professor/a, como seus/suas alunos/as, e que o contato com os mesmos seja significativo, que contribua, de fato, para a relação com suas famílias e comunidades, para a compreensão e o fortalecimento da cultura timorense e, por fim, para o processo de ensino e aprendizagem, que é a razão maior da escola.



Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 261-306.

CENPEC. Pontos de vista. **Caderno do professor: orientações para produção de textos**. Equipe de produção: Egon de Oliveira Rangel, Eliana Gagliardi e Heloísa Amaral. São Paulo: Cenpec, 2010. Coleção da Olimpíada. Disponível em: < <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/colecao-da-olimpiada/artigo/232/cadernos-do-professor> > Acesso em 27 de fev. de 2016.

HAMPATÉ, BÂ, Amadou. A Tradição Viva. In: J. KIZERBO (ed). **História Geral da África I - Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO/MEC/UFSCAR, 2010, p. 139-166.

PASCAL, Ezequiel Enes. **A alma de Timor vista na sua fantasia. Lendas, fábulas e contos**. Lisboa: Barbosa & Xavier, 1967.

RIBEIRO, Kelly Cristine Ribeiro. **Contação de Histórias, Seguindo o Curso de suas Águas**. 197f. Dissertação (Mestrado). Salvador: Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2013.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: _____. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 125-155.



Realização:



<http://www.pqlp.pro.br>



Edição:



Casa Apoema

Práticas de oralidade:

propostas para as salas de
aula de Timor-Leste

Este livro reúne atividades voltadas para a prática da oralidade em sala de aula. Fruto da parceria entre o PQLP/CAPES e o Curso de Formação de Professores da FEAH/UNTL, espera-se que seja um instrumento de trabalho para os/as professores/as da educação básica de Timor-Leste.

Realização:



<http://www.pqlp.pro.br>

